

CULTURA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 22 DE MARÇO DE 1991 27

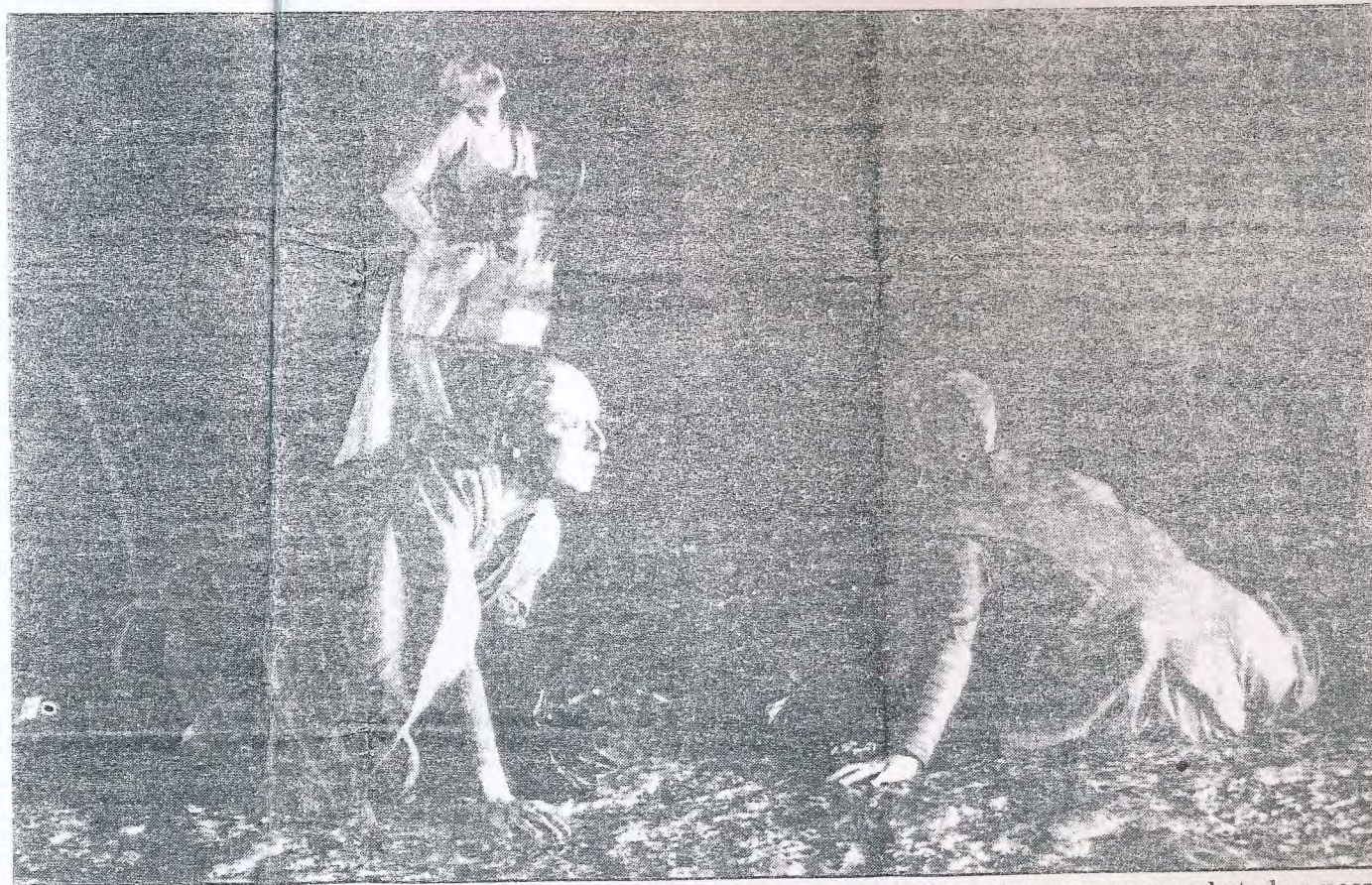
Os segredos da terra, medos confessos e inconfessos do homem que a habita. A luz e o obscurantismo, o bem e o mal, a eterna luta de tracção entre os opostos. A Idade Média das calamidades, numa peça de Abel Neves, encenada por João Mota, que a Comuna estreia dia 27

A condição humana entre o riso e o medo

FARSA trágica sobre a condição humana, assim nos é apresentada *Terra*, a nova produção do grupo de teatro A Comuna, a estrear no dia 27, no âmbito do Festival Internacional de Lisboa. Trata-se de um texto de Abel Neves, membro da companhia e autor de *Amadis e O Touro*, peças igualmente produzidas pela Comuna. *Terra* surge numa encenação assinada por João Mota.

A acção de *Terra* é situada na Idade Média, em vésperas da Quaresma, no Entrudo, quando um grupo de camponeses, em fuga da sua aldeia assolada pela peste, procura um barco que o leve a porto seguro. «Estes personagens sugerem o protagonismo do homem na terra, como lugar físico e espiritual, um lugar com segredos e vultos», diz Abel Neves. A peça joga, apelando ao sentido do grotesco, com os conceitos opostos na vida do homem: Entrudo e Quaresma, risos e medos.

Abel Neves coloca, nesta peça, algumas questões: «Estaremos bem avisados sobre o que são as coisas essenciais do homem? Ainda teremos capacidade de rir, habitará em nós o cómico ent...



De «Terra», a nova peça da Comuna, diz o seu autor, Abel Neves, que fala das coisas que, apesar de todo o nosso optimismo, nos assustam e ameaçam

e a Peste» é projectado o filme de Pier Paolo Pasolini *Decameron* entre outros.

Abel Neves vê a estreia de *Terra* coincidir com a publicação do seu texto em livro, o que considera a edição na medida em que «este texto em livro significa que as pessoas poderão ter um memoris do espectáculo, assim como quem não o viu poderá relatar numa futura encenação. O livro, portanto, que a encenação nunca serão traidores, mas poderão ser infelizes».

Nem traições nem infelidades se poderão esperar da releitura que João Mota fez de *Terra* para a encenação do espectáculo, a qual engloba a participação de todos os elementos da companhia. «Eu acredito que é bom estar dentro de todos os processos criativos da companhia; à partida, um texto meu destina-se a ser trabalhado pelos actores da Comuna. Dentro da companhia os textos não têm uma importância excessiva; procura-se uma certa horizontalidade do trabalho. A encenação pode e deve ser criadora. O João Mota consegue fazer seguir o incêndio criador e dar-lhe novas zonas...

do homem? Ainda teremos capacidade de rir, habitará em nós o cómico tanto quanto a tragédia?» Porque, diz o autor, «a par de todo o optimismo profundo que acredito existir em cada homem, há coisas que nos assustam e perigos que nos espreitam».

Camponeses assustados, a peste, e os perigos da terra; prossegue o dramaturgo: «Saberemos viver com as oposições, com o mal e o bem? Saberemos levar con-

De «Terra», a nova peça da Comuna, diz o seu autor, Abel Neves, que fala das coisas que, apesar de todo o nosso optimismo, nos assustam e ameaçam

nosco os segredos da terra para uma dimensão, que todos procuramos, e que é o lugar dos nossos sonhos? Saberemos habitá-lo?»

A estas perguntas não dá *Terra* uma resposta; Abel Neves defende que «o teatro não dá respostas, não lhe cabe fazer milagres. O teatro pode, sim, permitir que se esteja mais próximo do conhe-

cimento do mundo, pode apontar vias possíveis para cada um reflectir sobre coisas que o teatro oferece».

Não é por acaso que Abel Neves faz incidir o seu texto sobre algumas das questões essenciais da condição humana; para ele, «o teatro é um lugar exemplar onde se espelham as acções humanas. Nele pode encontrar-se o re-

flexo de um ideal que possamos sentir como útil».

«Curiosamente», adianta, «este trabalho, que foi escrito entre o Outono de 89 e o Inverno de 90, foi coincidir com uma época de crise mundial, o que me veio surpreender, porque certos conceitos invisíveis — ou não — do texto vieram tornar-se francamente visíveis, ganharam uma

certa actualidade bizarra.»

Este espectáculo será acompanhado por uma série de realizações periféricas com ele relacionadas. Assim, a antestreia, que terá lugar amanhã, será precedida, às 18 e 30, por um concerto de música antiga pelo grupo La Batalla, de Pedro Caldeira Cabral. Será ainda realizado um colóquio sobre «As Artes

criadora. O João Mota consegue fazer seguir o *incêndio criador* e dar-lhe novas zonas de significação; isso só poderia surgir do espírito de um criador como ele.»

Com a sua actividade dramática cingida, até agora, às produções da Comuna, Abel Neves não alimenta tentações de alargar o âmbito da sua criação. «Não tenho pressa de ser representado noutra sítio. Cada peça tem o seu tempo — conclui.